

Sobre a insuficiência da noção hegeliana do Ser e suas consequências na determinação do Conceito puro enquanto a verdade do Ser e da Essência¹

Prof. Dr. Manuel Moreira da Silva

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

GT-HEGEL

Palavras-chave: Hegel, Ciência da Lógica, Ente, Esse, Einai

RESUMO: Trata-se de uma tematização do Ser enquanto anterior ao Ser puro e como distinto daquilo que Hegel designa Ser em geral, Ser vazio, abstrato, Ser como tal, *Ente* em geral etc. Discutem-se os limites e o alcance da concepção hegeliana do Ser como o Conceito somente *em si* [*an sich*] e como determinação do *Ente* em geral, assim como as consequências disso no estabelecimento do Conceito enquanto a verdade do Ser e da Essência ou como o Ser verdadeiro. Esboçam-se as linhas gerais de uma tematização do Ser levando a sério o seu caráter de Ser-sem-reflexão e de Ser-sem-qualidade no sentido da abertura de uma passagem do Ser ao Conceito, distinta daquela que se exprime nas determinações-do-ser e nas determinações-da-essência.

I. Considerações preliminares

Este trabalho consiste numa explicitação do Ser [Sein] enquanto anterior ao Ser puro [reines Sein]; portanto, como distinto daquilo que Hegel também designa Ser em geral [Sein überhaupt], Ser vazio, abstrato [abstraktes, leeres Sein], Ser como tal [Sein als solches], *Ente* em geral [*Ens* überhaupt] etc. Trata-se pois de uma discussão dos limites e do alcance da concepção hegeliana do Ser e de suas consequências no estabelecimento do Conceito enquanto a verdade do Ser e da Essência ou como o Ser verdadeiro [das wahrhafte Sein]; quando se tematizam as razões do abandono, em 1831, da noção afirmada em 1812 de que *apenas* o Conceito puro seria o Ser verdadeiro². Discutir-se-ão os limites sistemáticos e o alcance especulativo da determinação do Ser enquanto o Conceito somente *em si* [*an sich*] no âmbito da tarefa da Lógica objetiva, na medida em que essa toma o lugar da Metafísica formal, como a investigação da natureza do *Ente* em geral e no âmbito da pressuposição segundo a qual o *Ens* compreende dentro de si tanto *Ser* [Sein] quanto *Essência* [Wesen].

¹ Versão inicial do trabalho a ser apresentado e discutido nos quadros das sessões destinadas ao *GT-HEGEL* no *XV Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*, mais especificamente: no Painel VI: *Problemas de Filosofia Primeira*.

² Compare-se *WdL I*, 1832, *GW 21*, S. 45, 5-6; *WdL I*, 1812, *GW 11*, S. 30, 16-17.

Essa a pressuposição na qual, ainda que leve em conta o parentesco dos termos *Ser* e *Essência*, neste evocando o particípio passado [em alemão, *gewesen*] do verbo *ser* [*sein*] e assim elogie o fato de a Língua alemã haver preservado expressões diversas para a distinção aludida, Hegel se restringe a uma concepção do Ser [a partir do infinitivo *sein*] que o limita ao particípio presente [*seiende*] do verbo *sein* e o determina apenas enquanto Ente. Vale dizer, o Ser na medida em que ele é *sendo*; caso em que este *sendo* se apresenta como o processo da reflexão e da determinação do Ser mesmo, processo pelo qual o Ser se dá uma determinidade e portanto se mostra aí, como *Dasein* ou Ser-aí. Essa determinidade que o Ser se dá mediante tal processo permite distinguir o *Sendo* [das *Seiende*] próprio do Ser e o Ente [*Ens*], tal como este é compreendido por Hegel; infelizmente o autor da *Lógica* não tematiza essa distinção, o mesmo ocorrendo com o Ser entendido como Ser sem-reflexão [reflexionsloses *Sein*] e como Ser sem-qualidade [qualitätsloses *Sein*]. Assim, quando se refere ao Ser como Ser sem-reflexão e como Ser sem-qualidade, embora o pressuponha enquanto anterior ao Ente, portanto ao Ser e à Essência dentro de si, Hegel jamais o tematiza neste sentido, limitando-se à determinação do mesmo simplesmente ao nível do *Ente* em geral.

Caso em que a determinação *Ser* permanece ambígua, confusa, obscura e, portanto, indistinta precisamente porque mesclada à determinação designada pelos termos *Ser puro*, *Ser em geral*, *Ser vazio*, *abstrato*, *Ser como tal* etc. Embora justificável ao nível do programa lógico-especulativo de Hegel e a partir da determinação *em si* do Ser³, a limitação acima referida termina por reduzir a sistematicidade e o alcance especulativo da própria *Lógica* especulativa, assim como do Conceito enquanto a verdade do Ser e da Essência; resultando finalmente, na *Lógica do Ser* de 1832, no abandono da afirmação segundo a qual *apenas* o Conceito puro seria o Ser verdadeiro. Buscando reconsiderar esse quadro, este trabalho retomará justamente tal afirmação, considerando-a a partir do Ser enquanto anterior ao Ente (portanto ao Ser e à Essência dentro de si), no sentido daquilo que Tomás de Aquino designa *Esse* ou do que Porfírio denomina *Einai*; o que se mostra implícito no Ser sem-qualidade e no Ser sem-reflexão. Considerá-la-á também a partir da segunda edição da *Ciência da Lógica* de Hegel, quando este afirma que o Infinito, como o Ser imediato primeiro, é o Ser verdadeiro⁴; deixando de lado a assertiva anterior – mantida na edição da *Doutrina do Ser* de 1832 – de que o Conceito puro seria o Ser verdadeiro. Em caso de êxito, o trabalho poderá

³ Compare-se WdL I, 1832, GW 21, S. 68, 11; WdL I, 1812, GW 11, S. 43, 11.

⁴ WdL I, 1832, GW 21, S. 125, 4-5.

contribuir para a ampliação da sistematicidade e do alcance da Lógica especulativa para além da referência do Ser sem-qualidade ou sem-reflexão à mera esfera da diferença [Differenz] ou do aí [Da] que nele é posto.

Assim o trabalho tematizará inicialmente (II) o Ser enquanto este se mostra anterior ao Ser puro e, portanto, como distinto daquilo que Hegel designa Ser em geral, Ser vazio, abstrato, Ser como tal, *Ente* em geral etc.; determinações identificadas pelo autor da *Ciência da Lógica* como equivalentes e, por isso, expressas em termos que não são senão sinônimos. Em vista disso, o trabalho discutirá em seguida (III) os limites e o alcance da concepção hegeliana do Ser enquanto o Conceito somente *em si* [*an sich*] e enquanto determinação do *Ente* em geral, assim como (IV) as consequências disso no estabelecimento do Conceito enquanto a verdade do Ser e da Essência ou como o Ser verdadeiro; por exemplo, as razões do abandono da noção do Ser verdadeiro enquanto apenas o Conceito puro na segunda edição da *Lógica do Ser* (1832). Enfim, a título de conclusão, (V) o trabalho esboçará as linhas mais gerais de uma tematização do Ser levando a sério o seu caráter de Ser-sem-reflexão e de Ser-sem-qualidade no sentido da abertura de uma passagem do Ser ao Conceito, entendido como Ser verdadeiro; distinta daquela que se exprime nas determinações-do-ser e nas determinações-da-essência.

II. *O Ser enquanto anterior ao Ser puro e enquanto distinto do Ser em geral, do Ser vazio e abstrato, do Ser como tal e do Ente em geral*

Logo às primeiras linhas do texto propriamente dito da *Ciência da Lógica*, i.é, de sua exposição propriamente científico-sistemática, mais precisamente, tanto na primeira como na segunda edição da *Lógica do Ser*, Hegel afirma que “o Ser [Seyn] é o imediato indeterminado”⁵. A esta afirmação segue outra, ligeiramente modificada na edição de 1832, segunda a qual o Ser, como o imediato indeterminado, “é livre da determinidade em face da Essência, assim como ainda daquela que ele pode receber no interior dele mesmo”⁶. De acordo com tal assertiva, como o imediato indeterminado, o Ser é anterior à Essência e a ele mesmo enquanto determinado em geral; isso quer dizer que, como Hegel precisa ainda em 1812, o Ser “é livre da primeira determinidade em face da Essência e da segunda no interior dele mesmo”⁷. Ora, esta segunda e aquela primeira determinidade das quais o Ser é livre não são senão, de modo respectivo, a

⁵ Compare-se WdL I, 1832, GW 21, S. 68, 4; WdL I, 1812, GW 11, S. 43, 4.

⁶ WdL I, 1832, GW 21, S. 68, 4-5.

⁷ WdL I, 1812, GW 11, S. 43, 4-5.

qualidade e a reflexão mesmas: a qualidade, enquanto esta entra na determinidade e nesta, como determinidade *sendo*, passa em constituição, alteração e na oposição do finito e do infinito⁸; a reflexão, enquanto a reflexão da essência nela mesma⁹. A reflexão constitui-se assim na primeira determinidade e a qualidade na segunda; isso porque o movimento de determinação começa na verdade na Essência e não no Ser.

No dizer de Hegel, a Essência é primeiramente reflexão e enquanto esta se determina suas determinações são um ser-posto, que é ao mesmo tempo reflexão dentro de si¹⁰. Embora na ordem do saber a Essência provenha do Ser e se mostre como o Ser suspenso em si e para si ou enquanto apenas sua própria aparência, na ordem do ser é a reflexividade da Essência que, ao fazer do Ser a sua aparência e, com isso, ao assumir as determinações reflexivas como um ser-posto, permite determinar o próprio Ser de tal modo que – na ordem do conhecer –, como Ser-aí ou Ser determinado, pela introdução da qualidade na determinidade e esta no Ser *indeterminado em si e para si*¹¹, este ganhe reflexão e qualidade. Com o que o mesmo entra no âmbito das categorias, a partir das quais é delimitado e se mostra progressivamente como ser pensado ou em si, como ser posto ou em outro – portanto finito e alterável, assim como na oposição do finito e do infinito – e como ser para si; quando finalmente se dissolve a referida oposição.

Em nenhum desses casos, porém, está em jogo o chamado Ser sem-reflexão ou Ser sem-qualidade; o qual, como o Ser do começo ou o Ser sem-determinação¹², não é tematizado por Hegel em lugar algum da *Lógica*. Tal Ser só é lembrado quando de sua suspensão ou negação imediata, que produz o *Dasein*, assim como a determinidade e o limite; o Ser-para-si que dissolve a oposição ou o limite do finito e do infinito e com isso completa a inversão do Ser-aí em seu movimento da exterioridade para o interior de si é antes o Ser determinado absoluto¹³. Esse movimento pode dar a impressão de que a referida inversão tem por escopo o próprio Ser sem-determinação; impressão reforçada pela identificação do Ser e do Ser puro logo às primeiras linhas da seção A [Seyn] do primeiro capítulo [Seyn] da primeira seção [Bestimmtheit (Qualität)] da *Doutrina do Ser*. Porém, o Si a cujo interior o movimento acima retorna é antes o Ser determinado em si; esse que, justamente por ser o Ser puro, o Ser do começo, ou o Ser sem qualquer

⁸ E I, 1830, TWA 8, § 90, S. 195; WdL I, 1812, GW 11, S. 59, 4-6.

⁹ WdL I, 1813, GW 11, S. 244.

¹⁰ WdL I, 1813, GW 11, S. 244, 9-10.

¹¹ WdL I, 1812, GW 11, S. 43, 4-5.

¹² WdL I, 1812, GW 11, S. 86, 4-5.

¹³ WdL I, 1812, GW 11, S. 86, 11.

determinação adicional, pode assim, mediante a reflexão própria à Essência, determinar-se em si e para si enquanto o Conceito¹⁴. Em vista disso, justamente por ser o *livre*, o Conceito poderia ser considerado como o mesmo que o Ser que é livre da determinidade em face da Essência e daquela que ele recebe no interior de si mesmo.

Contudo, o Ser puro ou o Ser do começo para Hegel, o Ser sem qualquer determinação adicional, não é o Ser sem-reflexão ou sem-qualidade em questão no Ser que é livre da determinidade em face da Essência e daquela que ele recebe no interior de si mesmo; este é o Ser sem qualquer determinação ou o Ser livre de toda determinação. Isso porque o Ser puro, mesmo sem qualquer determinação adicional e portanto como imediatidade indeterminada, traz consigo a determinação de ser tão somente igual a si mesmo e de não ser desigual em face de outro, assim como de não ter diversidade no interior de si mesmo e nem fora de si mesmo, i.é, traz apenas a determinação de ser *puro*; a qual, entretanto, não deixa de ser uma determinação. Não obstante, mesmo que constitua o começo, e seja o imediato simples, indeterminado, o Ser puro não é a rigor o *Ser imediato indeterminado primeiro*, ou o Ser indeterminado em si e para si, mas ele é unicamente o Ser vazio e abstrato que constitui o começo da Ciência: o Ser determinado em si. Este emerge apenas quando, em oposição ao determinado ou ao qualitativo, o Ser sem-reflexão ou sem-qualidade recebe o caráter da indeterminidade; quando é chamado Ser em geral face ao Ser determinado como tal e sua indeterminidade é assim, para Hegel, considerada como sua qualidade. Quando, enfim, ainda para Hegel, o Ser sem-reflexão ou sem-qualidade se mostra como o Ser primeiro, o Ser determinado em si.

É este Ser determinado em si que, na melhor das hipóteses, como o Ser que é identificado ao Ser puro, que no dizer de Hegel, longe de ser o Ser abstrato, contém dentro de si a mediação e assim se apresenta como pensar puro ou como intuir puro¹⁵, se determina mediante as categorias que de desenvolvem no Ser-aí e que, a partir do Ser-para-si, dissolve a oposição do finito e do infinito¹⁶. Isto significa que é ele que, agora como o Ser-para-si, completa a inversão do Ser-aí em seu movimento da exterioridade para o interior de si e se fazendo o Ser determinado absoluto¹⁷, avança ao Conceito como o *Determinado em si e para si*¹⁸; movimento que já no § 84 da *Enciclopédia* de 1830 é tomado como a determinação-progressiva do Ser como o Conceito somente *em*

¹⁴ WdL II, 1816, GW 12, S. 11, 18-24.

¹⁵ E I, 1830, TWA 8, § 86, A, S. 183.

¹⁶ WdL I, 1812, GW 11, S. 59, 5-7.

¹⁷ WdL I, 1812, GW 11, S. 86, 11.

¹⁸ E I, 1830, TWA 8, § 160, S. 307.

si ou do Conceito sendo *em si* e, ao mesmo tempo, o ir-dentro-de-si do Ser. Disso se depreende que: se de um lado as determinações do Ser são *sendo*, elas e o Ser são nos limites do Ente e se, de outro, é assim que o Ser, ao ir-dentro-de-si ou ao aprofundar-se dentro de si mesmo, é o Conceito *em si*, o pôr-para-fora e o desdobrar-se do Conceito, o Ser e o Conceito, tal como concebidos por Hegel, nada tem a ver com o Ser mesmo.

Mediante tal procedimento, Hegel deixa de lado o Ser mesmo, entendido como o *Ser imediato indeterminado primeiro*, e o substitui pelo Ser determinado em si que, sob as mais diversas designações, – a saber: Ser em geral, Ser determinado como tal, Ser primeiro, Ser puro etc. –, não é senão o Ser refletido ou qualitativo *em si*, que tem em si a possibilidade de ser refletido ou qualitativo: o Ente em geral. Esse que, no dizer de Hegel, contém dentro de si o Ser e a Essência¹⁹ – respectivamente: o imediato carente-de-determinação e a carência-de-determinação mediada²⁰ – e que, portanto, se mostra já desde o início como o Ser subordinado ao ponto de vista das categorias. Caso em que, embora se desenvolvam mais propriamente no Ser-aí, estas já operam – aqui mesmo – a determinação em si do *Ser imediato indeterminado primeiro*, fazendo dele o Ser determinado em si, para Hegel posterior àquele, entendido pelo próprio Hegel como o Ser abstrato identificado por Schelling e outros à Indiferença absoluta ou à Identidade absoluta, a qual, por seu turno, antes do Devir, o autor da *Ciência da Lógica* distingue daquela identidade imediata de Ser e Pensar que é o Ser puro entendido como o Ser que contém dentro de si a mediação²¹. Por isso, dado à pureza do Ser assim determinado, à indeterminidade ou à vacuidade pura do mesmo, e, portanto, devido ao fato de nele *nada* ser intuído ou pensado, o identifica com o próprio intuir ou pensar vazio, puro²².

Ora, por não haver nada para intuir ou pensar no Ser, Hegel o identifica ao intuir ou ao pensar vazio e puro, com o que pode determiná-lo como Ser puro e assim identificá-lo ao Pensar puro, com o que poderia afirmar que o Ser assim determinado é o Ente em geral, no sentido acima indicado, e com isso a primeira definição do Absoluto²³ ou de Deus mesmo, enquanto este é tomado como o conteúdo mais especulativo²⁴. O que não é senão outra forma de dizer o $Eu = Eu$, a Indiferença absoluta, a Identidade absoluta e o próprio Deus tomados como algo representado ou, segundo seu conteúdo-

¹⁹ WdL I, 1832, GW 21, S. 48, 27; WdL I, 1812, GW 11, S. 32, 7-8.

²⁰ E I, 1830, TWA 8, § 86, Z1, S. 184.

²¹ E I, 1830, TWA 8, § 86, A, S. 183.

²² E I, 1830, TWA 8, § 86, A, S. 183; WdL I, 1832, GW 21, S. 69; WdL I, 1812, GW 11, S. 44.

²³ E I, 1830, TWA 8, § 86, A, S. 183.

²⁴ VLM, ANM 11, ad § 16, p. 15.

de-pensamento, nada mais que o Ser²⁵. Disso se depreende que, a rigor: (1) Hegel não parte do Ser mesmo, mas do Ente em geral; (2) o começo do qual ele parte não é o começo propriamente absoluto, mas o começo absoluto subsumido na categoria da identidade absoluta de Ser e Pensar; (3) essa que é a mesma identidade do Ser e do Nada ou do Ser puro e do Nada puro existentes em nosso intuir ou pensar, a identidade resultante do fato que nada intuir ou pensar tem um significado: que o Nada é ou existe em nosso intuir ou pensar, que ele é o intuir e o pensar vazio e o mesmo intuir ou pensar vazio que o Ser puro. O que não obstante significa apenas a queda do Ser determinado em si no Devir e portanto no finito, conseqüentemente na oposição deste e do infinito; esse que em princípio não guardará nenhuma relação com o Ser sem-reflexão ou sem-qualidade.

Hegel deixa claro em diversas ocasiões que o começo do qual ele parte é o começo do Pensar, ou antes, o começo que é a um tempo começo do Pensar e começo para o Pensar, i.é, o Pensar puro; contudo, ele às vezes parece confundir o começo do Pensar e para o Pensar propriamente dito com o começo do nosso pensar e para o nosso pensar. Esse, por conseguinte, o indicador principal, mas ambíguo, de seu ponto de partida, a saber: que o Ser é o primeiro pensamento puro [der erste reine Gedanke], portanto uma categoria ou uma classe de categorias; a qual, porém, como o primeiro pensamento puro, se distingue de tudo o mais pelo qual o começo se faça. O que pode ser descrito como o Eu = Eu, a Indiferença absoluta e o próprio Deus; que se de um lado seria somente algo representado e não pensado, de outro, conforme seu conteúdo-de-pensamento [Gedankeinhalt], para Hegel seria justamente apenas o Ser²⁶. Enfim, precisamente aquele Ser então visto ou representado como primeiro (mas não realmente o primeiro), no interior do qual, não obstante, já existe *mediação*; em suma: o próprio Ser puro²⁷.

Isso explica a afirmação de Hegel de que o Ser é a determinação mais pobre ou a mais abstrata que há²⁸ e que, em vista disso, o mesmo seria tão só o Conceito *em si*²⁹. O que também não deixa de ser ambíguo, pois se por um lado o Ser é a Coisa mesma da qual se parte³⁰, por outro o Conceito *em si*, justamente por ser *em si*, como

²⁵ E I, 1830, TWA 8, § 86, Z2, S. 186.

²⁶ E I, 1830, TWA 8, § 86, Z2, S. 186.

²⁷ E I, 1830, TWA 8, § 86, A, S. 183.

²⁸ E I, 1830, TWA 8, § 51, A, S. 136; § 86, A, S. 183.

²⁹ E I, 1830, TWA 8, § 84, S. 181.

³⁰ E I, 1830, TWA 8, § 86, Z2, S. 186.

ensina o próprio Hegel em sua *Fenomenologia do Espírito*, é apenas para nós, para o nosso pensar³¹. Em suma: uma determinação que embora não seja uma representação – porque lhe falta um substrato, do qual por isso ela é livre – comporta-se tal como uma representação, a mais vazia e por isso a mais geral e a mais abstrata: o Ente em geral.

III. *Os limites e o alcance da concepção hegeliana do Ser como o Conceito somente em si e como determinação do Ente em geral*

Se na Grande Lógica Hegel começa pela tentativa de determinação em si do Ser, na Pequena Lógica, mais especificamente na *Lógica da Enciclopédia* de 1830, ele começa efetivamente pela afirmação de que o Ser é o Conceito somente *em si*. Essa determinação não se faz explícita até pelo menos até 1827, quando, na segunda edição da *Enciclopédia*, a mesma aparece pela primeira vez; de modo a anteceder a fórmula já consagrada segundo a qual “o Ser faz o começo, por que ele é tanto pensamento puro quanto o Imediato simples, indeterminado”³². Este é chamado por Hegel o primeiro começo, que como tal não pode ser mediado nem determinado; mas que, sendo o Ser e portanto o Conceito *em si*, tem que ser a um tempo o *pôr-para-fora* ou o desdobrar-se do Conceito sendo *em si* e o *ir-dentro-de-si* do Ser de que fala o § 84 mais acima já lembrado. Ainda nos limites desse § 84 Hegel acrescenta que “a explicação do Conceito na esfera do Ser tanto se torna a totalidade do Ser, quanto com isso é suspensa a imediatidade do Ser ou a forma do Ser como tal”. Eis aí pois uma informação nova em relação aos textos anteriores, inclusive ao início efetivo da *Doutrina do Ser* na segunda edição da Grande Lógica, que não traz nenhuma informação adicional a respeito.

Mas o que significa dizer que “a explicação do Conceito na esfera do Ser tanto se torna a totalidade do Ser, quanto com isso é suspensa a imediatidade do Ser ou a forma do Ser como tal”? Ora o Ser como tal [Sein als solches] é o Ser determinado em si mais acima discutido, também designado como Ser em geral [Sein überhaupt], Ser vazio, abstrato [abstraktes, leeres Sein], *Ente* em geral [*Ens* überhaupt] etc. A forma deste Ser como tal por seu turno não é mais que a imediatidade, apresentada já mesmo em 1812 como uma determinação ou como a determinação em si do Ser então entendido o Imediato indeterminado apenas em relação ao Ser determinado ou qualitativo; quando enfim sua indeterminidade é concebida como sua qualidade. Disso resulta o verdadeiro

³¹ PhG, TWA 3, passim. Ver também, E I, 1830, TWA 8, § 162, A, S. 310.

³² E I, 1830, TWA 8, § 86, S. 182-183.

ponto de partida hegeliano: a Qualidade; categoria à qual o Ser até então sem reflexão ou sem-qualidade, porque livre da primeira determinidade em face da Essência, a reflexão, e da segunda no interior de si mesmo, a própria qualidade, termina por se subordinar. Neste sentido, levando em consideração o que Hegel afirma no § 85, como primeira determinação da assim chamada esfera do Ser a Qualidade se constitui como uma determinação do infinito e por isso, no adendo ao mesmo § 85, é tomada antes de tudo como a determinidade idêntica com o Ser. Razão pela qual a questão acima posta tem que ser respondida justamente com o desdobramento do Conceito sendo em si ou do Ser nas determinações da Qualidade, da Quantidade e da Medida, pelas quais a explicação do Conceito na esfera do Ser tanto se torna a totalidade do Ser, quanto com isso é suspensa a imediatidade do Ser ou a forma do Ser como tal, a Qualidade mesma. O que ainda não explica por completo a necessidade tematizada por Hegel de uma suspensão da imediatidade do Ser ou da forma do Ser como tal.

A imediatidade do Ser e a forma do Ser como tal são os dois modos em que o Ser se apresenta como o começo; de um lado como o *Prius* para o Pensar e, de outro, como o *primeiro* no progresso [im Gange] do Pensar³³; respectivamente, o Imediato e o Sendo [das Seiende]³⁴. Isso porque, como o começo, o Ser é para si o próprio Imediato; ao mesmo tempo, porém, e justamente enquanto e por que o Imediato, o Ser se constitui como o Sendo; que aqui em particular ou para Hegel em geral não é o Ente [das Ens], mas antes o que contém dentro de si o Ser (que é no começo tanto o Imediato quanto o Sendo) e a Essência, na qual, enquanto o progresso, aquele se mostra como o Mediato e o Posto³⁵. Ora, enquanto contém dentro de si o Ser e a Essência, o Ente implica uma consideração da Lógica especulativa algo distinta daquela que comumente tem sido feita, inclusive da explicitação fornecida pelo próprio Hegel em seus diversos cursos sobre a *Ciência da Lógica*. O que se fundamenta na alegação do autor mesmo da Lógica, alegação essa segundo a qual na primeira parte da referida obra, i.é, na Lógica objetiva, justamente pelo fato desta ocupar o lugar da Ontologia ou da Metafísica geral de outrora, se trataria da natureza do *Ente* em geral³⁶. Caso em que estaria aí em jogo o chamado Ser objetivo ou o *Esse objectivum* da tradição metafísica e portanto, a um

³³ WdL I, 1832, GW 21, S. 54, 3-5.

³⁴ E I, 1830, TWA 8, § 238, A, S. 390.

³⁵ E I, 1830, TWA 8, § 239, Z, S. 391.

³⁶ WdL I, 1832, GW 21, S. 48, 25-27; WdL I, 1812, GW 11, S. 32, 5-7.

tempo, seu caráter eterno ou seu aspecto infinito – anterior ao Devir – e seu caráter temporal ou seu aspecto finito, nos quadros do próprio Devir.

Concebido pois como o Conceito somente *em si*, o Ser não é senão o *Ente* em geral ou o Ser *em si*, o Ser enquanto pensado em seu caráter o mais vazio e abstrato; por isso, enquanto anterior ao próprio Devir e assim podendo também ser designado o Conceito somente *em si*. Neste caso, porém, o Ser não parece já constituir-se como o Sendo; o que só ocorre quando, para além de sua indeterminação ou de sua qualificação ainda meramente indeterminada em face do determinado e do qualitativo, ele cai sob o domínio da Reflexão e da Qualidade. Aqui começa o Devir ou, mais propriamente, a determinação-progressiva do Ser e, em vista disso, a introdução neste da Reflexão ou sua distinção progressiva, enquanto *Ente*, em Ser – como o Sendo – e em Essência; quando estes, por seu turno, enquanto não mais pura e simplesmente contidos dentro de si pelo Ente, se apresentam como os momentos do devir mesmo do Conceito e enquanto momentos do próprio Conceito. A rigor, enquanto momentos do devir do Conceito, porque o Ser é o Conceito em si e portanto o Imediato e o Sendo *em si* do Conceito mesmo³⁷, assim como a Essência é o Conceito posto e assim a reflexão dele próprio³⁸; enquanto momentos do próprio Conceito, porque do ponto de vista deste o Ser é o começo para si ou o autodeterminar-se da Ideia especulativa enquanto movimento do Conceito, ao passo que a Essência ou a Reflexão não é senão o progresso ou o progredir dessa autodeterminação³⁹. Por isso, como momentos do devir do Conceito ou momentos do próprio Conceito, o Ser e a Essência se mostram primeiramente nos limites do Ente em geral; justamente por isso o Ser é aqui apenas o *passar* em outro, assim como a Essência é somente o *aparecer* no oposto. O que chega a termo unicamente no Conceito tão só porque este, como o *Determinado em si e para si*, é a Essência “que suspendeu o reportamento [Beziehung] a um Ser [a um Imediato, a um Sendo] ou a seu aparecer e em sua determinação não é mais exterior, mas o *subjetivo* autônomo e livre, que se determina dentro de si, ou antes, é o *Sujeito* mesmo”⁴⁰. Essa, talvez, a motivação de Hegel para afirmar, sobretudo em 1812, que *apenas* o Conceito puro é o Ser verdadeiro ou a *verdade do Ser e da Essência*:

Enquanto o Conceito se demonstrou como a verdade do Ser e da Essência, os quais a ele *retornaram* como em seu *fundamento*, assim tem ele *inversamente*

³⁷ E I, 1830, TWA 8, § 84, S. 181; § 238, S. 390.

³⁸ E I, 1830, TWA 8, § 112, S. 231; § 239, S. 391.

³⁹ E I, 1830, TWA 8, §§ 238-239, S. 390-391.

⁴⁰ WdL I, 1832, GW 21, S. 49, 15-18. Ver também, WdL I, 1812, GW 11, S. 32, 22-25.

se desenvolvido a partir do *Ser* como a partir de seu fundamento. [...]. Enquanto o *Ser* se mostrou como um *momento* do Conceito, este se demonstrou por isso como a verdade do *Ser*; enquanto essa sua reflexão-dentro-de-si, e enquanto suspensão da mediação, ele [o Conceito] é o *pressupor do imediato* – um pressupor que é idêntico ao retorno-dentro-de-si: identidade que constitui a liberdade e o Conceito.⁴¹

O *Ser* portanto é aqui o fundamento do Conceito ou se mostra como tal, bem como este é o fundamento do *Ser* e assim se demonstra como a verdade daquele; isso nos quadros de uma suspensão da Essência ou da mediação. Assim procedendo, Hegel leva a termo a cisão ou o limite produzido pela determinidade no interior do *Ser* – antes de tudo, do *Ser* sem-reflexão ou do *Ser* sem-qualidade – como que o cindindo em *Ser* objetivo e em *Ser* subjetivo [respectivamente, o *Esse objectivum* e o seu correlato, o *Esse subjectivum*, da tradição metafísica iniciada especialmente com Duns Scotus e Guilherme de Ockham]. Ainda que sem consciência epistêmica plena – a um tempo histórica e sistemática – desse fato, dado que em seu programa especulativo ele se dera por tarefa especialmente a passagem a Substância a Sujeito – e isso praticamente a partir de uma reconsideração da filosofia de Espinosa em confronto com a de Kant e Fichte –, Hegel como que retoma e desenvolve em *conceitos* toda a tradição metafísica fundada na *representação*. Tradição que, em se consubstanciando no chamado segundo começo da Metafísica, não sem motivos caracterizou-se como metafísica tradicional.

Essa a tradição que deságua na sistematização wolffiana da Metafísica, na Metafísica geral e na Metafísica especial tal como integradas por Hegel em sua *Lógica objetiva*, da qual resulta a doutrina hegeliana do Conceito; que, a título de uma doutrina do pensamento concreto, que compreende as determinações-de-pensamento como em si e para si, poderia ser vista como a inversão mesma dessa tradição e, em vista disso, como a primeira e a última tentativa até aqui plausível e não unilateral de mediar o pensamento abstrato próprio dos modernos e o pensamento concreto próprio dos antigos. Uma mediação que não obstante fracassara justamente porque Hegel não levava em conta, e por isso não tematizara seriamente, o *Ser* livre da primeira determinidade em face da Essência e da segunda no interior de si mesmo, i.é, o *Ser* sem-reflexão ou o *Ser* sem-qualidade; esse que como tal não pode ser concebido como tendo a qualidade da indeterminidade face ao *Ser* determinado e ao *Ser* qualitativo simplesmente porque não é uma das determinações do Ente, do qual parte o autor da *Lógica* explícita e efetivamente. Todavia o resultado alcançado por Hegel, o Conceito como o Livre ou o

⁴¹ E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 304-305.

Determinado em si e para si, portanto como o que é livre das determinações do Ser e da Essência, em suma: como o Ser verdadeiro, ainda que o próprio Hegel não o tenha reconhecido, não é outro senão o restabelecimento do Ser sem-reflexão ou o Ser sem-qualidade, vale dizer: do Indeterminado em si e para si. Mas Hegel não o reconhece, enfim, simplesmente porque em sua mediação do pensamento concreto, imediato, e do pensamento abstrato, mediato, optara por partir deste último e nele reconfigurar o primeiro, perdendo assim infelizmente toda a dimensão do Ser ou do Esse enquanto anterior e portanto distinto do Ser puro ou do Ente em geral etc.

A favor de Hegel, porém, conta o fato de que em sua época – bem como no desenvolvimento histórico de toda a metafísica tradicional, aqui entendida nos limites do assim chamado segundo começo da Metafísica, a noção de pensamento concreto, por conseguinte imediato ou mais propriamente intuitivo, era tomada pura e simplesmente por pensamento empírico, sensível. A própria *Ciência da Lógica* de Hegel é devedora dessa concepção na medida em que ela parte do Imediato indeterminado, entendido como o carente-de-mediação, nele impondo, entretanto, e já de imediato, toda a pesada maquinaria das determinações-da-essência e das determinações-do-ser, com as quais Hegel não tinha mesmo como considerá-lo a não ser como o Ente em geral, o Ser puro ou o Ser enquanto o Conceito somente *em si*. Quer dizer, como o Ser que, no dizer de Hegel, “enquanto é a negação do *Conceito*, que em seu ser-outro é pura e simplesmente idêntico consigo e é a certeza de si mesmo, é o *Conceito* ainda não posto como *Conceito*, ou seja, o *Conceito em si*”⁴². Em suma: o *Conceito* ainda indeterminado, i.é, o *Conceito* determinado imediatamente ou apenas em si, o *Universal*⁴³.

Universal esse abstrato, porque resultante do procedimento finito próprio do método *analítico* e, por conseguinte, da abstração do Ser imediato, tomado da intuição ou da percepção entendidas empiricamente; Universal que, como resultado, é tomado enquanto o Lógico mesmo em sua imediatidade, portanto como Sendo e assim como o começo de seu próprio método *sintético*⁴⁴. Um Universal e um Sendo que, não obstante ir-dentro-de-si como o Ser e pôr-para-fora ou desdobra-se como o *Conceito* sendo *em si*, mesmo quando atingido o *Conceito* puro como o *Determinado em si e para si*, ou mais propriamente o nível do Juízo ou do Silogismo, permanece atrelado ao Ser-aí como seu ponto de partida efetivo e imediato. Por conseguinte, na mesma ambiguidade do ponto

⁴² E I, 1830, TWA 8, § 238, S. 390.

⁴³ E I, 1830, TWA 8, § 238, S. 390.

⁴⁴ E I, 1830, TWA 8, § 238, A, S. 390.

de partida ainda incapaz de distinguir o Ser como um Universal e um Sendo *sob* as categorias e como um Universal e uma Existência *livre* das categorias.

IV. Consequências da concepção hegeliana do Ser no estabelecimento do Conceito enquanto a verdade do Ser e da Essência ou como o Ser verdadeiro

Pelo que foi desenvolvido até aqui há que se reconhecer a insuficiência da concepção hegeliana do Ser, ao menos a noção do Ser entendido como um Universal e um Sendo; Ser esse que, de saída, não é para Hegel o Ser verdadeiro, mas tão somente a determinação a mais pobre e a mais abstrata de toda a Lógica ou de toda a verdadeira Metafísica. Ora, Hegel afirma desde a seção da primeira edição da Grande Lógica intitulada “Sobre a divisão geral da mesma” (i.é, da Lógica) que “apenas o Conceito puro é o Ser verdadeiro”⁴⁵; embora Hegel não tematize em lugar algum de sua Lógica este ‘Ser verdadeiro’ é possível constatá-lo na própria Lógica, sobretudo no § 159 da *Enciclopédia* de 1830, a partir da fórmula que o autor reserva estritamente ao Conceito, segundo a qual “o Conceito é assim a verdade do Ser e da Essência”. O termo ‘assim’ [‘hiermit’] nesta fórmula consiste num indicador de conclusão e como tal apresenta-a no sentido em que isto se dá – i.é, o fato de o Conceito ser a verdade do Ser e da Essência – , “enquanto o aparecer da Reflexão dentro de si mesma é ao mesmo tempo imediatidade autônoma e este Ser, de efetividade diversa, apenas um aparecer dentro de si mesmo”. Esta a conclusão do silogismo iniciado no § 157, o qual, como o terceiro momento (conclusivo) de um silogismo maior (iniciado no § 155), pretende demonstrar as duas premissas seguintes:

- (a) A alternância pura consigo mesma [ou o elemento em si e para si da causa] é a *necessidade desvelada* ou *posta*.
- (b) A *verdade da necessidade* é por conseguinte a *liberdade* e a *verdade da Substância* é o *Conceito*.

Em (a) está em jogo para Hegel o curso da Substância pela causalidade e pela ação-recíproca, o que é por isso, segundo ele, apenas o *Pôr* pelo qual a autonomia é o *reportamento negativo* infinito a *si*; vale dizer, no caso da Substância, *reportamento infinito a si mesmo* na medida em que a autonomia da mesma é precisamente apenas

⁴⁵ Compare-se WdL I, 1832, GW 21, S. 45, 5-6; WdL I, 1812, GW 11, S. 30, 16-17.

enquanto sua identidade⁴⁶. Em (b) está em jogo o fato de que tal autonomia é “o repelir-se de si [da Substância] em [elementos] autônomos distintos enquanto esse repelir é idêntico consigo e este movimento alternado, que permanece junto de si mesmo apenas consigo”⁴⁷. Em ambas as premissas o elemento central é o *Pôr*, esse que, no § 156, foi descrito por Hegel como sendo a alternância tomada como o *pôr* próprio da causa (ou a unidade para si da causa) e assim como o *ser* da mesma, com o que este se apresenta o ser da própria necessidade e enfim como a liberdade mesma. Desse modo o *Pôr* aqui em jogo se mostra como o próprio Conceito e neste sentido não é senão o Conceito o *ser* mesmo da causa ou da Substância efetiva como tal.

Ora, se o Conceito é a identidade da efetividade autônoma com a efetividade autônoma que lhe é *outra*, se esta identidade só surge quando a efetividade autônoma passa para a outra e tem sua substancialidade justamente e apenas nesta passagem, enfim, se esta passagem – como a da necessidade à liberdade e do efetivo ao Conceito – é o mais duro, então ela é também o mais necessário e desse modo o Conceito mesmo, pois não é senão o Conceito o seu próprio ser e *pôr*⁴⁸. Quer dizer, na medida em que a Substância efetiva como tal que em seu ser-para-si nada quer deixar penetrar nela já está submetida à *necessidade* ou ao destino de passar para o ser-posto, a tarefa que se impõe a Hegel é justamente o *pensar* da necessidade; pois, como a reunião de si *consigo* mesmo no outro, esse *pensar* consiste em, “no outro efetivo com o qual o efetivo está unido pelo poder da necessidade, ter-se [a si mesmo] não como outro, mas sim como seu próprio ser e *pôr*”⁴⁹. Ora, o *pensar*, que tem a si mesmo como seu próprio ser e *pôr*, não é outro senão o Conceito; que assim emerge como a *libertação* mesma pelo fato que esta é a *libertação* da própria Substância efetiva, a qual só está submetida à *necessidade* ou ao destino de passar para o ser-posto porque somente ela pode e tem que pensar tal *necessidade*. Por fim, conclui Hegel: “enquanto *existente para si*, essa libertação se chama *Eu*; enquanto desenvolvida na sua totalidade, *espírito livre*; enquanto sentimento, *amor*; enquanto gozo, *felicidade*”⁵⁰; isso porque “o Conceito mesmo é *para si* o poder da necessidade e a liberdade *efetiva*”⁵¹. Dito mais rigorosamente:

⁴⁶ E I, 1830, TWA 8, § 157, S. 302.

⁴⁷ E I, 1830, TWA 8, § 158, S. 303.

⁴⁸ E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 305.

⁴⁹ E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 305-306.

⁵⁰ E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 306.

⁵¹ E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 306.

O Conceito é assim determinado em referência [Beziehung] ao Ser e à Essência: a *Essência que retornou ao Ser* enquanto *imediatidade simples*; cujo aparecer tem, por isso, efetividade; e cuja efetividade é ao mesmo tempo *livre aparecer dentro de si mesma*.⁵²

Assim exposto o Conceito se apresenta como a relação mesma na qual o Ser e a Essência se mostram como extremos completamente penetrados entre si e por isso como uma e mesma referência que como tal é livre e efetiva. Desse modo, enquanto a Essência “que suspendeu o reportamento [Beziehung] a um Ser ou a seu aparecer e em sua determinação não é mais exterior, mas o subjetivo autônomo e livre, que se determina dentro de si, [...] o Sujeito mesmo”⁵³, o caráter de verdade do Ser e da Essência que o Conceito se dá é tão somente o fato deste ser e pôr a determinação na qual, em seu retorno ao Ser enquanto imediatidade simples, o aparecer da Essência tem efetividade, que é a um tempo livre aparecer dentro de si mesma: autodeterminação. Agora o Ser e a Essência não estão mais contidos dentro de si pelo Ente, mas é o Ente mesmo que foi elevado a Conceito mediante o Devir, no qual o Ser e a Essência apareciam como momentos; também não há mais pura e simplesmente o Ser com uma *determinidade*, que é a Qualidade ou a Realidade [Realität], mas o Ser como a efetividade mesma do aparecer da Essência ou enquanto o livre aparecer da Essência dentro de si mesma e portanto como o próprio aparecer dentro de si mesma, o Conceito. O que, não obstante, não explica adequadamente a afirmação segundo a qual o “apenas o Conceito é o Ser verdadeiro”⁵⁴.

O Conceito puro enquanto o Ser verdadeiro pode ser descrito como o *pensar* que tem a si mesmo enquanto seu próprio ser e pôr, e assim pode ser determinado em referência [Beziehung] ao Ser e à Essência, portanto como a Essência que retornou ao Ser enquanto imediatidade simples e a Essência cujo aparecer tem efetividade, que é ao mesmo tempo livre aparecer dentro de si mesma. Ora, se isso estiver correto o Ser verdadeiro aqui em questão não é senão o Eu, o Espírito livre etc.; desse modo, porém, o Ser verdadeiro só pode ser verdadeiro, na perspectiva de Hegel, enquanto *concordar consigo mesmo*, enquanto seu próprio ser e pôr for *um* consigo mesmo, *não* enquanto forem tidos pelo pensar que tem a si mesmo enquanto seu próprio ser e pôr. Esse *tem* seu próprio ser e pôr, aquele *é* seu próprio ser e pôr; eis aí uma diferença importante que Hegel não chegou a considerar, mas que está ínsita no processo pelo qual ele precisou

⁵² E I, TWA 8, 1830, § 159, A, S. 305.

⁵³ WdL I, 1832, GW 21, S. 49, 15-18. Ver também, WdL I, 1812, GW 11, S. 32, 22-25.

⁵⁴ Compare-se WdL I, 1832, GW 21, S. 45, 5-6; WdL I, 1812, GW 11, S. 30, 16-17.

qualificar o Ser como livre da primeira determinidade em face da Essência e da segunda no interior de si mesmo tomando-o como o Ser primeiro ou o Ser determinado em si. Tal qualificação consistiu numa certa apropriação do Ser como o Indeterminado em si e para si e portanto na sua determinação em si de modo que nela algo como o Conceito pudesse exprimir-se, uma apropriação característica do próprio Ser justamente para que a diferença aludida se manifeste e assim o Ser mesmo advenha. Essa diferença, enfim, consiste na necessidade de o pensar apropriar-se do Ser para que seja, tenha ser e o faça seu; assim como na necessidade de o Ser mesmo mostrar-se como o Livre ou como a Liberdade em sentido próprio, apropriando-se de si mesmo e se fazendo seu próprio pensar, dizer ou agir; i.é, na perspectiva de Hegel, o Conceito puro.

Entretanto, a referida apropriação pode realizar-se de múltiplas maneiras e, com isso, ser interpretada de modos os mais diversos. Hegel, por exemplo, a tematizou a partir da identidade de Ser e Pensar, Heidegger a partir da diferença de Ser e Ente, ou antes, da Ec-sistência historial; um buscou repensar o já pensado sob o modo de um reconhecimento do chamado bem conhecido nos quadros da *Aufhebung* [*Suspensão*], o outro buscou repensar o ainda impensado imerso no pensado nos quadros do assim chamado *Schritt zurück* [*Passo de volta*]⁵⁵. Até aqui, porém, não se tentou assumir e manter aquela apropriação do próprio Ser no sentido do seu fazer-se o mais apropriado em si e para si mesmo, i.é, como o *pensar praticante* que se consubstancia na unidade do Ser e do Conceber.

V. À guisa de conclusão

Hegel tematiza o Ser nos limites do Imediato e do Sendo e assim o concebe como o Universal ou o Conceito somente *em si*. Para Hegel o Ser é desde o começo o Determinado em si e mesmo quando ainda indeterminado tem na indeterminação sua qualidade. Por isso o autor da *Lógica* não leva a sério sua própria formulação do Ser como livre da primeira determinação em face da Essência e da segunda determinação no interior de si mesma, a saber, do Ser sem-reflexão e do ser sem-qualidade. Ainda que suas objeções àqueles que identificam este Ser à Indiferença absoluta, à Identidade absoluta ou a Deus etc. estejam corretas, Hegel também se equivocou ao qualificar sem

⁵⁵ Para uma discussão sobre essa questão, ver, M. HEIDEGGER, *Über den Humanismus* (1949), – 10, ergänzte Auflage – Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2010, S. 27ff.; 35ff; *Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik* (1956/1957), in: *Identität und Differenz*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2006, (= GA 11), S. 58ff.

mais o Ser colocando-o de imediato nos limites do Ente em geral. Com isso todo o seu esforço titânico de refundar a Metafísica e de estabelecer uma Lógica especulativa sob o ponto de vista do Conceito como a verdade do Ser e da Essência ou como o Ser verdadeiro termina por esboroar-se.

O máximo que Hegel alcança é apenas entrever uma esfera lógico-efetiva [Wirklichkeit] para além da esfera lógico-real [Realität]. Esta limitada ao Ser com uma determinidade, aquela consistindo na determinação do Conceito enquanto a Essência que retornou ao Ser como imediatidade simples e cujo aparecer tem efetividade, que é ao mesmo tempo livre aparecer dentro de si mesma. No entanto, se o Conceito é mesmo o Ser verdadeiro, portanto o Ser que concorda consigo mesmo ou com seu conceito, então ambos tem que ser um e o mesmo, ou seja, tem que ser antes de tudo a unidade do Ser e do Conceber. Ora, a *Ciência da Lógica* inteira não é senão a tematização do Conceber, em nenhum momento ela discute o Ser em sentido próprio – por exemplo, como o discutiram Porfírio, Tomás de Aquino, Heidegger e Puntel entre outros –, não obstante a noção hegeliana do Conceito está muito mais próxima do Ser em sentido próprio do que Hegel mesmo de um lado e seus adversários de outro podem aceitar. O problema é que a via da determinação lógico-especulativa seguida por Hegel terminara por afastá-lo irremediavelmente do Ser e por tornar Ser e Conceito irreconhecíveis. Uma via distinta ainda se mostra plausível, mas está não é a de Porfírio ou a de Tomás de Aquino, nem a de Heidegger ou a de Puntel.

Não se trata aqui portanto de uma superação da noção do Uno mediante a noção do Ser como no programa de Porfírio⁵⁶, também não se trata de pensar o Ser como *ipsum esse per se subsistens* ou enquanto unidade da Essência e da Existência, como em Tomás de Aquino⁵⁷. Também não é o caso de um pensamento do Ser, no âmbito da assim chamada diferença ontológica em relação ao Ente, em sua ec-sistência histórica, no sentido de uma memória da história do Ser, como em Heidegger⁵⁸; ou do Ser como o Ser originário não identificado imediatamente com Deus, como pretende

⁵⁶ Ver, PORFÍRIO. *Commentario al "Parmenide" di Platone*. Saggio introduttivo, texto con apparati critici e note di commento a cura di Pierre Hadot. Presentazione di Giovanni Reale. Traduzione e bibliografia de Giuseppe Girgenti. Milano: Vita e Pensiero, 1993, p. 59.

⁵⁷ Ver, entre outros lugares, S. T. de AQUINO, *Suma Teológica*. Tradução, introdução e notas de Marie-Joseph Nicolas (et al.). São Paulo: Loyola, 2001ss, (= S. Th), I, passim.

⁵⁸ Ver, entre outros textos de Heidegger, M. HEIDEGGER, *Über den Humanismus* (1949), – 10, ergänzte Auflage – Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2010, S. 27; Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik (1956/1957), in: GA 11, S. 58ff.

Puntel, sob uma perspectiva pura e simplesmente teórica⁵⁹. Trata-se antes de um pensar praticante do próprio Ser na medida em que este se abre ao pensar, ao dizer e ao agir e assim a um *modo de vida* capaz de suportar a unidade comum do Ser e do Conceber. Mas isso já se constitui como tema e escopo um outro trabalho.

VI. Referências bibliográficas

AQUINO, S. T. de. *Suma Teológica*. Tradução, introdução e notas de Marie-Joseph Nicolas (et al.). São Paulo: Loyola, 2001ss.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über Logik und Metaphysik* (Heidelberg 1817). Mitgeschrieben von F. A. Good. Herausgegeben von Karen Gloy, unter Mitarbeit von Manuel Bachmann, Reinhard Heckmann und Rainer Lambrecht. 1992. (= VLM, ANM 11).

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Erster Teil: Die objektive Logik. Erster Band: Die Lehre vom Sein (1832), herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke, 1985. (= WdL I, 1832, GW 21).

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Zweiter Band: Die subjektive Logik (1816), [die Lehre vom Begriff], herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke, 1985. (= WdL II, 1816, GW 12).

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik*. Erster Band: Die objektive Logik (1812/1813). [Erstes Buch: Die Lehre vom Sein (1812); zweites Buch: Die Lehre vom Wesen (1813)], herausgegeben von Friedrich Hogemann und Walter Jaeschke, 1978 (= WdL I, 1812-1813, GW 11).

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften I*. Werke in zwanzig Bänden (Theorie Werkausgabe). Auf der Grundlage der Werke von 1832-1845 neu edierte Ausgabe. Redaktion Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969, (= E I, 1830, TWA 8).

HEIDEGGER, M. *Über den Humanismus* (1949), – 10, ergänzte Auflage – Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2010.

HEIDEGGER, M. Die onto-theo-logische Verfassung der Metaphysik (1956/1957), in: *Identität und Differenz*, Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2006.

PORFÍRIO. *Commentario al "Parmenide" di Platone*. Saggio introduttivo, testo con apparati critici e note di commento a cura di Pierre Hadot. Presentazione di Giovanni Reale. Traduzione e bibliografia de Giuseppe Girgenti. Milano: Vita e Pensiero, 1993.

PUNTEL, L. B. *Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J.-L. Marion*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2011.

⁵⁹ L. B. PUNTEL, *Ser e Deus: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J.-L. Marion*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2011 (= SeD), p. 27ss.